

Acolhendo perguntas e inquietações no ensino superior

Carla Guanaes-Lorenzi

Universidade de São Paulo

carlaguanaes@usp.br

Uma de minhas filhas, Beatriz, tem seis anos. Diferente de muitas crianças que se deixam embalar pelo movimento do carro, ela não gosta de dormir em viagens. Não importa se o percurso é longo ou curto, ela segue pela estrada procurando motivos para se manter desperta. Observar os animais e as paisagens, contar os carros e cantar músicas são distrações para ela ao longo do caminho. Tudo parece alimentar sua imaginação originando uma infinidade de questões. Em nossa última viagem em família, nossos rostos se alegraram ao tentar encontrar respostas para suas perguntas: Bicho pau é duro? Formiga tem sangue? Bailarina tem remela? Tem estrela pra todo mundo que morre? Cobra-cega sobe em árvore? Dá pra segurar a nuvem? A cada pergunta, uma inquietação: Por que, afinal, tomamos o mundo como óbvio?

O escritor uruguaio Eduardo Galeano comentou sobre essa atitude das crianças diante do mundo. Para ele, na infância “somos todos pagãos”. As crianças têm atitude de encantamento ante o ordinário. Olham para o que geralmente não se olha, para os pequenos acontecimentos que traduzem a riqueza do universo. Para Galeano, seu ofício de escritor envolvia “manter um olho no microscópio, outro no telescópio”, como uma forma de entrelaçar micro e macro contextos; ou de relacionar os acontecimentos do cotidiano às grandes mudanças que desejamos ver no mundo.

Para mim, o construcionismo social tem sido um convite à inquietude. Ao apontar a centralidade da linguagem e dos relacionamentos na configuração da realidade social, o construcionismo social nos leva a refletir sobre como participamos da produção do mundo em que vivemos. Somos convidados a analisar as implicações políticas (relativa ao bem comum) de nossos discursos e práticas e, assim, vislumbrar futuros alternativos. Também percebemos a importância de construir contextos dialógicos de interação, que favoreçam diálogos seguros em torno de temas por vezes desafiadores.

A busca por construir contextos dialógicos de interação no ensino superior têm orientado minha prática como professora há vários anos. Trabalho com jovens muito bem preparados, que passaram por avaliações competitivas para alcançar uma vaga na universidade pública. No entanto, talvez por terem participado de contextos avaliativos muito competitivos e individualistas por tantos anos, deixaram de conceber a sala de aula

como o melhor contexto para perguntar e (des)aprender. Por isso, minha tarefa como professora tem sido marcada pela busca por construir dialogia e colaboração nos contextos de ensino-aprendizagem, contribuindo para que os estudantes possam falar e perguntar a partir de suas inquietações e posições corporificadas no mundo.

Nos dois últimos anos, ministrei de modo online uma disciplina optativa intitulada “Construcionismo Social e Psicologia”. Esta se orientava por um programa simples, dividido em dois módulos. Em um primeiro momento, as premissas do construcionismo social eram apresentadas. Em seguida, exemplos de práticas sensíveis a essas premissas eram oferecidos. Aulas expositivas não eram ministradas no desenvolvimento deste programa. Alternativamente, um texto era sugerido para cada aula e era pedido que os estudantes trouxessem para nosso encontro apenas suas inquietações: perguntas, experiências pessoais, conexões com o cotidiano. A aula consistia, assim, de um diálogo afetivo e espontâneo em torno das perguntas que eles julgavam relevantes.

Como trabalho final, eu solicitei que escolhessem algo que apreciassem em seu cotidiano, refletindo sobre como as ideias construcionistas sociais poderiam se relacionar a suas inquietações. Os estudantes construíram textos belíssimos e criativos, refletindo em primeira pessoa sobre poemas, obras de arte, filmes e temas contemporâneos (gênero, aquecimento global, racismo, desigualdade social, entre tantos outros). Não raro, os trabalhos vieram seguidos de agradecimentos sobre a postura docente e o ambiente de diálogo criado em sala de aula – livre e descontraído, porém denso em aprendizagens pessoais e sociais relevantes. Para alguns, a disciplina foi a que menos exigiu deles formalmente, mas para a qual mais se dedicaram. Embora estivéssemos todos muito cansados de Zoom, conseguimos colocar o zoom em nossas inquietações, refletindo, a partir disso, sobre nossa participação na produção relacional do conhecimento e, por conseguinte, do bem comum.

Inspirada em Galeano, acredito que aprender envolve criar contextos para recuperar o encantamento ante o ordinário, e, assim, construir pontes entre micro e macro contextos. Na foto que ilustra este texto, minha filha Beatriz segura flores no alto da Serra da Canastra (Minas Gerais, Brazil), cenário que nos confronta com nossa pequenez diante do universo. Perguntas são como pétalas ao vento. Quando acolhidas em contextos seguros de diálogo, podem alcançar lugares inimagináveis.